



HENRIQUE BRANDÃO GOMES

**ESTUDO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO DAS
ESQUADRIAS E ALVENARIAS EXTERNAS DA IGREJA
NOSSA SENHORA DAS MERCÊS EM MARIANA / MG**

LAVRAS – MG

2023

HENRIQUE BRANDÃO GOMES

**ESTUDO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO DAS ESQUADRIAS E
ALVENARIAS EXTERNAS DA IGREJA NOSSA SENHORA DAS MERCÊS EM
MARIANA / MG**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação
apresentado à Universidade Federal de Lavras,
como parte das exigências do Curso de Engenharia
Civil, para a obtenção do título de Bacharel.

Orientador

Profa. Dra. Luciana Barbosa de Abreu

LAVRAS – MG

2023

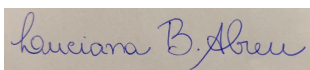
HENRIQUE BRANDÃO GOMES

**ESTUDO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO DAS ESQUADRIAS E
ALVENARIAS EXTERNAS DA IGREJA NOSSA SENHORA DAS MERCÊS EM
MARIANA / MG**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação
apresentado à Universidade Federal de Lavras,
como parte das exigências do Curso de Engenharia
Civil, para a obtenção do título de Bacharel.

APROVADO em 18 julho de 2023.

Profa. Dra. Luciana Barbosa de Abreu	UFLA
Profa. Dra. Priscilla Abreu Ribeiro	UFLA
Prof. Esp. Sergio Norberto Costa Gonçalves	EOTM



Orientador

Profa. Dra. Luciana Barbosa de Abreu

LAVRAS – MG

2023

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo avaliar o estado de conservação das esquadrias e da alvenaria externa da Igreja Nossa Senhora das Mercês, localizada na cidade histórica de Mariana, MG. A cidade possui um patrimônio histórico valioso e a igreja em questão desempenha um papel importante na identidade religiosa e cultural de Mariana. No entanto, a estrutura da igreja encontra-se danificada, impedindo seu uso adequado. A revitalização desse patrimônio histórico é fundamental para a preservação da identidade cultural da cidade e para impulsionar o turismo. É necessário o envolvimento de órgãos competentes, como o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em parceria com o Estado e a Prefeitura de Mariana, para proteger esse valioso patrimônio. A valorização das técnicas construtivas tradicionais também é essencial nesse processo, envolvendo profissionais especializados. O estudo realizado identificou que as patologias diagnosticadas em 2014 não foram corrigidas e até pioraram devido à falta de manutenção adequada ao longo dos anos. Fissuras nas alvenarias e problemas nas esquadrias são evidências do agravamento do estado de conservação. A pintura das fachadas está desbotada e danificada, e a madeira das esquadrias sofreu considerável desgaste ao longo do tempo. Diante disso, é de extrema urgência a realização de um processo de revitalização da igreja, visando preservar sua história, importância cultural e proporcionar um ambiente seguro. Sugere-se, para trabalhos futuros, uma análise mais abrangente de todas as estruturas do templo religioso, a fim de obter uma compreensão mais precisa dos danos e determinar as medidas necessárias para a recuperação deste monumento. Ademais, uma possível colaboração entre a Escola de Ofícios Tradicionais de Mariana e a igreja poderia viabilizar reparos pontuais realizados por alunos da escola, fomentando o aprendizado e enriquecendo o conhecimento cultural desses estudantes.

Palavras-chave: Patrimônio. Restauro. Conservação. Ofícios tradicionais. Adobe.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Vista da Igreja das Mercês de Mariana.....	23
Figura 2 - Pisos da Igreja.....	25
Figura 3 - Obras de restauro em 2002.....	26
Figura 4 - Planta de localização.....	27
Figura 5 - Planta baixa.....	29
Figura 6 - Balaústre.....	30
Figura 7 - Fachada Principal.....	30
Figura 8 - Parede do frontispício.....	30
Figura 9 - Cunhal fachada principal.....	31
Figura 10 - Frontão.....	31
Figura 11 - Fachada direita.....	32
Figura 12 - A - detalhe do barrado; B detalhe da parede da fachada lateral direita.....	32
Figura 13 - Detalhe da parede da fachada lateral direita.....	33
Figura 14 - Detalhe da parede da fachada lateral direita.....	33
Figura 15 - Fachada lateral esquerda.....	34
Figura 16 - Fachada lateral esquerda.....	34
Figura 17 - Detalhe da parede do barrado da fachada lateral esquerda.....	34
Figura 18 - Detalhe da parede do barrado da fachada lateral esquerda.....	35
Figura 19 - Detalhe da parede da fachada lateral esquerda.....	35
Figura 20 - Fachada lateral esquerda.....	35
Figura 21 - Detalhe da parede da fachada lateral esquerda.....	36
Figura 22 - Detalhe da parede da fachada lateral esquerda.....	36
Figura 23 - Fachada posterior.....	36
Figura 24 - Empena.....	37
Figura 25 - Parede da fachada posterior.....	37
Figura 26 - Parede da fachada posterior.....	37
Figura 27 - Parede da fachada posterior.....	38
Figura 28 - Representação da cobertura.....	38
Figura 29 - Vista geral da cobertura.....	39
Figura 30 - Planta baixa.....	40
Figura 31 - Porta entrada principal.....	40
Figura 32 - Porta sala dos Ex-votos e Capela Mor.....	41
Figura 33 - Janela fachada lateral esquerda.....	41
Figura 34 - Janela fachada principal.....	41
Figura 35 - Balaústre.....	42
Figura 36 - Cunhal esquerdo da fachada principal.....	42
Figura 37 - Frontão.....	43
Figura 38 - Fachada principal.....	43
Figura 39 - Quadro de energia.....	43
Figura 40 - Barrado da lateral direita.....	44
Figura 41 - Intervenção no sistema hidráulico.....	44
Figura 42 - Cunhal.....	44
Figura 43 - Trinca na fachada.....	45
Figura 44 - Desprendimento de reboco.....	45
Figura 45 - Acúmulo de entulho.....	45
Figura 46 - Perda da camada pictórica.....	46

Figura 47 – Barrado da lateral esquerda.....	46
Figura 48 – Desprendimento de reboco.....	46
Figura 49 – Desprendimento de reboco.....	47
Figura 50 – Detalhe da fachada posterior.....	47
Figura 51 – Fissura na fachada.....	47
Figura 52 – Cunhal direito.....	48
Figura 53 – Peçaço desprendido do cunhal.....	48
Figura 54 – Detalhe do cunhal direito.....	48
Figura 55 – Detalhe do cunhal direito.....	49
Figura 56 – Empena da Capela Mor.....	49
Figura 57 – Vegetação na calha.....	49
Figura 58 – Porta de acesso principal.....	50
Figura 59 – Porta da lateral direita.....	51
Figura 60 – Porta da lateral esquerda.....	51
Figura 61 – Porta de acesso.....	52
Figura 62 – Janela lateral esquerda.....	52

LISTA DE SIGLAS

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

SPHAN - Serviço de Patrimônio Histórico Artístico e Nacional

UFOP - Universidade Federal de Ouro Preto

EOTM - Escola de Ofícios Tradicionais de Mariana

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. OBJETIVO	10
2.1 Objetivo geral	10
2.2 Objetivo específico	10
3. REFERENCIAL TEÓRICO.....	11
3.1 Breve histórico do Município de Mariana.....	11
3.2 Histórico da Igreja de N. Sra. das Mercês de Mariana.....	12
3.3 Patrimônio Cultural.....	14
3.4 Preservação, Tombamento e Restauro	15
3.5 Técnicas construtivas tradicionais.....	19
3.6 Alvenaria de vedação em adobe	20
4. MATERIAL E MÉTODOS	22
4.1 Estudo histórico.....	23
4.2 Pesquisa empírica.....	23
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO	25
5.1 A igreja.....	25
5.2 O estado de conservação da igreja em 2014	29
5.2.1 Fachada Principal	30
5.2.2 Fachada lateral direita	31
5.2.3 Fachada lateral esquerda	33
5.2.4 Fachada posterior	36
5.2.5 Cobertura.....	38
5.2.6 Esquadrias	39
5.3 Estado de conservação da Igreja em 2023.....	41
5.3.1 Fachada Principal	42
5.3.2 Fachada lateral direita	43
5.3.3 Fachada lateral esquerda	45
5.3.4 Fachada posterior	47
5.3.5 Cobertura.....	49
5.3.6 Esquadrias	50
6. CONCLUSÃO	53
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	55

1. INTRODUÇÃO

A cidade de Mariana, primeira Vila, Cidade e Capital de Minas Gerais, possui uma história rica e um patrimônio histórico de valor inestimável. No entanto, em 2015, a cidade foi palco de um evento de grande impacto: o rompimento da barragem de Fundão, pertencente à mineradora Samarco. Infelizmente, esse desastre causou a percepção equivocada de que o núcleo histórico da cidade havia sido prejudicado. A mídia amplificou essa ideia, talvez por desconhecimento em relação ao distrito de Bento Rodrigues, criando um equívoco que resultou em uma queda no fluxo de turistas. Isso afetou não apenas um local que historicamente possui grande valor, mas também toda a cadeia econômica local.

É importante compreender que Mariana possui um potencial significativo para o desenvolvimento do turismo. A cidade possui um patrimônio material e imaterial que pode ser explorado para impulsionar a atividade econômica e melhorar a qualidade de vida da comunidade local. Além disso, a religiosidade desempenha um papel fundamental na identidade marianense, proporcionando um elemento atrativo para os turistas.

Dentro desse contexto, destaca-se a importância da Igreja de Nossa Senhora das Mercês. A igreja é um marco histórico para a comunidade de Mariana e para os visitantes, não apenas devido ao seu valor arquitetônico, mas também por sua relevância religiosa e pela memória coletiva que carrega. A irmandade, composta por pessoas negras descendentes de escravizados, dedicou-se ao longo dos anos a cuidar e a preservar esse local sagrado.

A localização central da igreja também contribui para sua importância. Aqueles que desejam conhecer as igrejas centrais da cidade inevitavelmente se deparam com esse espaço de significado religioso profundo. Além disso, a igreja serve como um ponto de encontro e sociabilidade para os moradores da Rua das Mercês, demonstrando seu papel essencial na vida cotidiana da comunidade.

No entanto, é preocupante observar que a estrutura da igreja está danificada, impossibilitando seu uso pleno. A revitalização desse importante patrimônio histórico não apenas beneficiaria o turismo, mas também preservaria a identidade cultural da cidade e promoveria o bem-estar da população local. Para isso, é fundamental o envolvimento dos órgãos competentes, como o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em parceria com o Estado e a Prefeitura de Mariana, a fim de proteger esse valioso patrimônio.

A valorização das técnicas construtivas tradicionais desempenha um papel crucial nesse processo. Profissionais especializados e com conhecimento técnico e empírico devem ser envolvidos para garantir a preservação adequada da igreja. Essa iniciativa é essencial para proteger não apenas o patrimônio, mas também a economia e a comunidade de Mariana.

Em resumo, é fundamental destacar a necessidade de incluir a Igreja de Nossa Senhora das Mercês nas atividades de revitalização do patrimônio cultural de Mariana.

2. OBJETIVO

2.1 Objetivo geral

O presente trabalho tem como objetivo avaliar o estado de conservação das esquadrias e da alvenaria externa da Igreja Nossa Senhora das Mercês, situada na cidade histórica de Mariana, MG.

Buscou-se realizar uma análise do estado de conservação da parte externa da Igreja Nossa Senhora das Mercês, em Mariana. Por meio dessa análise, busca-se avaliar se o estado de conservação do monumento é satisfatório ou se há necessidade de intervenções e medidas de preservação. A compreensão do estado atual da igreja é fundamental para determinar as medidas necessárias a serem tomadas. Ao identificar possíveis problemas, espera-se fornecer subsídios para a implementação de ações que visem garantir a integridade e a valorização desse importante patrimônio histórico.

2.2 Objetivo específico

Com o diagnóstico pretendeu-se fazer uma análise comparativa do estado de conservação atual com o relatado em um projeto de restauro desenvolvido em 2014 pela arquiteta e urbanista Sandra Fosque Sanches e sua equipe.

Além disso, a realização deste trabalho possibilitou pontuar possíveis fatores que possam ter contribuído para que as estruturas se encontrem no estado atual.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Breve histórico do Município de Mariana.

Arraial de Nossa Senhora do Carmo foi o primeiro nome para o que hoje se conhece como a cidade de Mariana. Construída a partir das margens de um rio homônimo, a cidade era reconhecida como a primeira vila criada no que, naquele momento, se chamava Capitania de São Paulo e Minas do Ouro. Como é possível descobrir com uma rápida pesquisa no site da prefeitura da cidade, bandeirantes paulistas descobriram o elemento ouro, que foi explorado por Portugal a partir de então. Esse mineral, além de ser o grande propulsor da relevância que a cidade iria ter no jogo geopolítico da época, proporcionou a base econômica da cidade. Esse ciclo durou por mais de um século.

De arraial a vila, de vila a cidade em 1745, o nome Mariana foi uma homenagem a Maria Anna D'Austria, esposa de Dom João V. Nesse momento, já havia sido estabelecida, há pouco mais de duas décadas, a capitania de Minas Gerais. A cidade foi ganhando ainda mais status dentro da colônia portuguesa, sendo entendida como a menina dos olhos de ouro, literalmente.

Além de ser a primeira capital do estado, Mariana também se tornou a primeira sede do bispado mineiro, trazendo consigo uma riqueza de histórias e também de conflitos. Enviado do Maranhão o bispo D. Frei Manoel da Cruz foi responsável por começar uma reestruturação da cidade Mariana durante o século XVIII. Para isso, foi chamado o engenheiro militar português José Fernandes Pinto de Alpoim, que criou o projeto urbanístico que ainda persiste na cidade, apesar das diversas modificações que foram realizadas ao longo das décadas. A ideia é bem simples, e pode ser vista durante um passeio pelo centro da cidade. São ruas em linhas retas e praças retangulares.

A religiosidade e a Igreja foram fundamentais na vida política e social da cidade durante esses primeiros séculos. Como escreve o professor Silveira (2013) em seu artigo sobre Mariana, em 1751 há a criação do seminário da cidade, que formou diversas pessoas que estariam em contato com os dirigentes locais. Ou seja, não é à toa que o bispado e as paróquias vão se tornando tão importantes para a cultura e a preservação local. Minas Gerais se construiu como um estado extremamente religioso, o que influenciou a sua arte de diversas formas, seja no projeto arquitetônico e de patrimônio histórico das cidades classificadas como tal, seja na arte produzida por seus habitantes, como diversos ateliês e poetas.

Ainda segundo o professor Silveira (2013), houve o momento que essa exploração aurífera entrou em decadência, com a expansão agropecuária se expandindo. Foram diversos os conflitos que a cidade sofreu ao longo dos séculos e que impactaram na vida do marianense, mas a cidade nunca deixou de ser considerada algo a ser preservada.

A Igreja de Nossa Senhora das Mercês é um dos monumentos religiosos tombados, segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2023). E é sobre essa Igreja que o trabalho irá se debruçar durante o trajeto desta pesquisa.

3.2 Histórico da Igreja de N. Sra. das Mercês de Mariana

É de muita relevância abordar a história que antecedeu o surgimento da Igreja de Nossa Senhora das Mercês na cidade de Mariana. Os Mercedários, como são conhecidos os integrantes da Ordem de Santa Maria das Mercês da Redenção dos Cativos, surgiram no século VIII na Espanha. Primeiro eles eram somente devotos da santa, para em pouco tempo depois, serem liderados pelo teólogo e futuro santo, Pedro Nolasco, primeiro grão mestre da Ordem.

Mas Nossa Senhora das Mercês nada mais é do que a Virgem Maria, o que também explica todo o sentido de sua representação. A palavra mercês remete à ideia de uma concessão de graça, benefício, benção. Isso converge com o desenvolvimento da Ordem, já que tanto na Europa quanto no Brasil Colônia, ela é identificada como uma protetora dos cativos. É evidente que ao longo do tempo e dos lugares onde as Ordens se estabeleceram, a atuação foi feita de forma diferente. Essa devoção chegou a Portugal e se espalhou pelos países colonizados.

As Irmandades, como escreve Teixeira (2019), foram muito importantes dentro da vida social das Minas Gerais. E é interessante abordar como elas tinham uma atuação na Colônia e no Império, com a busca por uma maior igualdade entre os confrades, com maior participação de pessoas pretas. Composta por esses devotos e outras pessoas leigas, através dos templos, elas influenciavam a religiosidade local. Foi assim com a Irmandade de Nossa Senhora das Mercês de Mariana.

A história da irmandade em sua concepção na cidade é muito interessante. Foi criada, segundo Teixeira (2019), em 1749 pelo que se entendia como pessoas que tinham antepassados africanos, mas que haviam nascido no Brasil. No artigo, a autora os denomina de “pretos

crioulos”. Nada mais, nada menos do que a vida cotidiana se entrelaçando com seu contexto histórico, político e social. O conflito se deu na criação de seu templo também. Isso é interessante para se pensar nos frequentadores e cuidadores atuais da igreja, que estão espalhados pela subida das Rua das Mercês, onde está situada a Igreja. Ou seja, é um local, que apesar de se situar no centro, traz mais consigo as pessoas que vivem ao seu redor, que trabalham em prol da sobrevivência do mesmo.

Primeiramente há uma divergência que o site ipatrimônio (2023), baseado em informações do IPHAN, traz sobre a Provisão e início das obras da igreja. A página dedicada a falar sobre o histórico do templo, mostra o ano de 1769 como provisão de bênção, enquanto que há o ano de 1787 para início das obras. No projeto de restauro, feito em meados de 2014, também existe essa divergência. Mas o que parece ser um consenso é que, primeiro, foi construída uma capela e, em seguida, se construiu a Igreja, datados mais para o fim do Século XVIII. Outra questão é que os historiadores não conseguiram identificar quem fez a planta da Igreja.

A obra é conhecida por sua característica simplicidade, fruto provavelmente dos poucos recursos que tinham as pessoas pretas. A ideia que data da construção no fim do século XVIII se dá por conta da Igreja de Nossa Senhora das Mercês ter uma arquitetura semelhante à capela da Arquiconfraria de São Francisco. Segundo Sanches (2014) as obras perduraram até o século XIX.

A simplicidade na construção se dá por dois motivos. Primeiro, pelo uso de madeira e adobe na construção da igreja, que não eram usos mais comuns do séculos XVIII. Em segundo lugar, pela solicitação de degraus de pedra feita pela Irmandade à Câmara Municipal em 1871. A escada do Presbitério da Capela veio de degraus do antigo Pelourinho, que foi demolido para essa função. A questão sobre essas informações que o próprio IPHAN tem, e que vários sites reproduzem, divergem com as fotos que estão no projeto de restauro onde se pode ver que, na verdade, a igreja é feita de adobe e não de taipa. Essa parece ser uma questão que não está sendo abordada no que diz respeito à construção do templo, mas observado *in loco*.

Mas isso leva aos reflexos sobre as mudanças e descaracterizações que a Igreja das Mercês sofreu durante os anos. Talvez a grande e mais impactante foi a de 1936. Pelo que está posto no projeto de restauro, a construção estava praticamente arruinada. O Cônego Braga a

restaurou, deixando a igreja com as características que vemos hoje. Os muros de pedra foram substituídos por balaustradas.

Mesmo com o tombamento pelo IPHAN, no ano de 1938, considerando os últimos doze anos a Igreja passou por alguns reparos, inclusive no cemitério que foi construído no início de XIX, onde reside o jazigo de Monsenhor Horta, sacerdote de grande relevância para a cidade.

Mas existem problemas estruturais sérios que precisam da devida atenção. Dos problemas do forro ao assoalho, até os cupins nas suas partes de madeira, a Igreja demonstra uma situação de instabilidade. O histórico da Igreja de Nossa Senhora das Mercês é de poucos recursos financeiros, e isso perdura até o momento. A Irmandade há alguns anos adquiriu recursos para que algumas partes pudessem minimamente serem reparadas. Tudo isso diz muito sobre a vontade da comunidade de preservar um patrimônio que carrega uma memória coletiva tão valiosa.

3.3 Patrimônio Cultural

Abreu (2010), em sua tese de doutorado, aborda as definições do antigo Serviço de Patrimônio Histórico Artístico e Nacional (SPHAN), criado em 1937, e no artigo 216 da Constituição de 1988. Por mais que cada uma das definições tenha seu próprio sentido, elas parecem se complementar. O que hoje é entendido como Patrimônio Cultural Brasileiro são bens materiais e imateriais que carregam valor histórico e artístico, seja coletivo ou individual.

A patrimonialização brasileira levou muito em consideração as ações dos diversos povos que formaram o Brasil. Para além, a conexão entre identidade e memória é característica fundamental para compreender a relevância de tais bens patrimoniais. Não é de forma casual que o poder público, que detém a produção da história oficial, iria intervir de forma a criar o ideal do que cabe ser patrimonializado. E isso já é algo que vem do início do século XX.

No Brasil do começo dos anos 20, os governantes juntamente com a classe artística e intelectual do país buscavam pelo que poderia ser a identidade nacional legitimamente brasileira. A Semana de Arte Moderna de 1922 trouxe artisticamente um grande borbulhar de ideias e expressões, que tinham o grande objetivo de solidificar a nacionalidade. Foi um momento revolucionário. O que deixa isso mais interessante é o papel fundamental que Minas Gerais tem tanto antes, quanto depois, para os pensadores e artistas que fizeram parte da

Semana. Um deles é Mário de Andrade que fez mais de uma viagem por algumas cidades do Ciclo do Ouro ao longo dos anos. Uma dessas viagens, feita em 1924, foi denominada como Viagem de Descoberta do Brasil, como é possível ler em uma matéria feita pelo Estado de Minas (WERNECK, 2015).

Andrade ficou impressionado com a paisagem concreta e simbólica que conheceu. O artista viu um sentido histórico, de preservação muito grande, principalmente na cidade de Ouro Preto. As obras de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, deram-lhe uma perspectiva de algo totalmente autoral, uma nova forma de produção a partir daquilo que já existia. Em algum grau, tudo isso serviu de influência para que, na década de 30, o governo de Getúlio Vargas empreendesse uma pesquisa de forma mais aprofundada, tentando englobar música, pintura, poesia, artes, além da História, como ciência. Ali estava se criando a concepção do que seriam os órgãos que legislariam a respeito do Patrimônio Nacional. O Estado foi direcionando o que seria a formação do SPHAN, e que hoje atua com o nome de Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN.

Como é possível verificar, o IPHAN apresenta que todas as definições de Patrimônio passaram por diversas modificações ao longo do tempo. Optou-se por incluir práticas sociais, expressões das mais diversas formas culturais e artísticas da população brasileira, que carregam a identidade do povo brasileiro. O congado, por exemplo, é hoje considerado um patrimônio imaterial de Minas Gerais. Foi a partir da Constituição Cidadã de 1988, que o debate sobre a preservação das diversas faces que contrastam dentro desse país se aprofundou. Foi um longo caminho de atores políticos que contribuíram para se entender de que maneira o Estado brasileiro poderia salvaguardar aquilo que é pertencente e de direito do povo.

3.4 Preservação, Tombamento e Restauro

Atualmente é possível perceber os esforços coletivos de diversas nações e de seus líderes de cuidarem do curso ambiental do mundo. O conceito de preservação, que é tão amplo e debatido, entendido de forma histórica ou filosófica, é unanimidade entre essas pessoas. Dentro desse projeto, essa palavra também carrega consigo definições bem diversas ao longo do tempo. Explicar o que é o preservar patrimonial é um dos objetivos dentro deste tópico.

Minas Gerais tem um histórico em relação a medidas que visam conservar seus bens. Cabe neste projeto abordar o desenvolvimento do conceito de preservação de patrimônio, e como a partir dessas reflexões, planos foram construídos ao longo do tempo para que haja cuidado e proteção.

De modo geral, o anseio pelo resguardo de determinado objeto já é algo que atravessa séculos. E ao longo do tempo surgiram muitos pensadores com olhares extremamente distintos sobre a melhor forma de se preservar algo. Segundo Abreu (2010), desde os povos da antiguidade, busca-se defender o que eles compreendiam ser de grande valor. A Revolução Industrial chegou, o tempo foi ficando cada vez mais acelerado e se construiu uma ideia de progresso com base em edificações cada vez mais modernas. Tudo isso fomentou o surgimento de teorias e legislações que abrangessem esse novo momento.

O campo patrimonial se tornou um local muito vasto para que houvesse uma pesquisa cada vez mais rigorosa e com teor científico. Era necessário que ideias diferentes se entrecruzassem para enriquecer o debate acerca da forma de patrimonializar, mas também de preservar, além de idealizar as intervenções em tal bem, que sofreria com o tempo. É assim que ao longo do século XIX, surgem teóricos muito importantes, que colocaram seu trabalho à disposição para que se construísse um diálogo relevante sobre essa temática.

Abreu (2010) cita três teóricos que produziram conhecimento sobre preservação e restauro. São eles: John Ruskin, Viollet-le-Duc e Camillo Boito. Cada qual tinha sua linha de pensamento muito bem definida.

Ruskin era um britânico que não gostava da ideia de se intervir em bens históricos. Sua visão era de que um local, por exemplo, deveria seguir o curso da vida. Em algum momento ele viria a morrer. Seria necessário encarar com naturalidade as ruínas, algo que para ele era belo, assim como o fim da vida. Devido a isso, um bem não deveria sofrer intervenção. A ruína tinha um objetivo de realmente ser uma metáfora do cotidiano. No máximo, um edifício poderia ter uma escora, para que ainda servisse a determinado fim para a população. Mas Ruskin entendia que o povo deveria aprender a conviver com o fim. Se algo perdesse sua funcionalidade, o teórico tinha em sua abordagem que nada mais deveria ser feito (ABREU, 2010).

Le Duc era distinto. Abreu (2010) escreve que o francês compreendia ser de extrema importância restaurar a integridade física de um objeto. Aquilo daria sobrevida ao mesmo, o solidificando, voltando a sua origem, mas não deixando de o complementar com aspectos da

vida na modernidade. A autora cita que é importante entender que suas intervenções tinham um contexto social muito forte, já que, na França, os monumentos estavam em um processo de decomposição. Toda essa visão acabou fazendo do teórico um intervencionista que descaracterizava a origem de um bem.

Já Camillo Boito foi na contramão das oposições, na tentativa de criar uma teoria sobre preservação e restauro que se tornou um meio termo entre os pensadores citados anteriormente. Abreu (2010) aborda que, para o italiano, a preservação é muito importante considerando que o tempo afeta de alguma forma todos os bens. Mesmo assim, ele não compartilhava das ações de Le Duc, pois sentia que havia muita arbitrariedade em suas intervenções, criando algo sobre o que já estava estabelecido. Logo, poderia se criar a imagem de algo enganoso. Sua reflexão trouxe uma metodologia mais bem elaborada, que perdurou durante muito tempo.

Na virada do séc XIX para o XX, não houve tanto desenvolvimento acerca das teorias mais relevantes sobre o tema, até o momento em que Cesare Brandi publicou sua compreensão teórica. O autor, segundo Abreu (2010), entendia que a restauração era uma metodologia que levava ao entendimento do que era uma obra de arte. Nesse caso, o estético se sobressairia sobre o histórico, legitimando o que seria uma obra de arte ou não. A restauração deveria acontecer somente na matéria, que é a representação do processo criativo do autor. Por isso não deve ser feito o restauro baseado em apenas suposições fantasiosas sobre tal processo.

As intervenções também não poderiam passar uma ideia de falsidade artística ou histórica. Além de tudo, é importante se atentar aos próprios condicionamentos ambientais onde vai acontecer toda essa ação. O intervir deve ser feito com base no rigor de não criar nada sobre o bem que está sendo restaurado.

Preservação, conservação e restauração, conforme escreve Abreu (2010), são coisas distintas, mas a preservação indireta pode salvaguardar determinado bem. Essa forma, seja no entendimento do ambiente, ou na maneira de transportar tal obra, é a metodologia mais eficaz no momento de tentar preservar algo. Isso faz parte de uma manutenção. É o famoso prevenir para não ter que remediar. A ideia é que a preservação direta não faz tão bem quanto se pensa. E se ela é inevitável, deve ser mínima.

No Brasil, como foi mostrado no primeiro tópico, desde a década de 20, a reflexão sobre as autoridades competentes, as formas de preservação, a tantas outras questões, se

desenvolveram de forma muito rápida. Todo esse processo foi de suma importância para que a preservação nacional ganhasse contornos cada vez mais interessantes. Minas Gerais tem bastante peso nessa história, já que além de atores políticos de suma importância nesse processo, também se notabilizou por buscar juridicamente a salvaguarda de seus patrimônios.

Como aborda Alves (2008), em 1933 a bancada mineira no Congresso Nacional conseguiu uma vitória patrimonial. A cidade de Ouro Preto, então, se tornou monumento nacional. O Estado de Minas Gerais então se tornou responsável pelo resguardo do patrimônio artístico e histórico da cidade. É nessa esteira de acontecimentos ao longo das décadas que desemboca na constituição de 1988. Segundo o autor, vai ser o primeiro momento que uma constituição nacional mencionaria, de forma explícita, as expressões de culturas populares, indígenas e afro-brasileiras (ALVES, 2008). Ou seja, é com a aproximação de ideias, de ações, que se chega em um objetivo comum e abrangente. Para além, é imprescindível que haja movimentos para que os bens de interesse público não passem por nenhum dano.

Devido a isso, o tombamento é uma dessas modalidades de prevenir e preservar um bem com importância para a cultura local e nacional. Alves (2008) explica que tombado algo é uma forma de proteção, mas que não é a mais extrema. Além disso, está longe também da desapropriação. É mais uma forma de salvaguardar de forma compartilhada um bem, muitas vezes privado, mas que possui uma finalidade pública. No caso desses locais, é um agir do Estado para com a cultura do país. Mediar tal imóvel, por exemplo, a fim de que o proprietário não destrua ou faça algum movimento de forma arbitrária, apagando vestígios históricos. Bens públicos também podem ser tombados, com o mesmo objetivo. O tombamento é uma ação indireta, mas que causa um impacto importante para a preservação histórica e cultural, em prol de sua nação.

No caso da Igreja de Nossa Senhora das Mercês, o tombamento aconteceu no ano de 1938. No Livro do Tombo Belas Artes, o templo está inserido na inscrição nº 201, de 05/08/1938. Ele foi tombado devido a sua importância cultural e material. De acordo com o site Ipatrimônio, com base em informações do IPHAN, o tombamento inclui todo seu acervo. Dessa forma, é possível perceber que houve uma ação de forma a tentar preservar a Igreja das Mercês, já que ela tem uma importância histórica e de memória do povo marianense e para a nação. Tudo isso só foi possível com o trabalho coletivo, tanto das autoridades, quanto dos profissionais que tem o saber técnico para intervir nesse patrimônio.

3.5 Técnicas construtivas no período colonial

Ofícios tradicionais são ocupações ou profissões que existem há muito tempo e que geralmente envolvem a produção de bens ou a prestação de serviços de maneira artesanal ou manual. Esse conhecimento, ou seja, o domínio de uma arte ou ofício, que na maior partes das vezes eram adquiridos por aprendizes que auxiliavam os mestres , era passado de geração em geração de forma que a transmissão de conhecimento se dava de forma pessoal e com a dimensão prática das atividades. Trata-se de um “saber fazer” transmitido no tempo por meio de valores, costumes, conhecimentos e técnicas. Como uma herança cultural recebida do passado, um ofício se adapta a cada período histórico, em um constante processo de produção e transformação de conhecimentos, mas sempre considerando como inafastável a necessidade de preservação do ”modo de fazer”, mantendo a fidelidade quanto a materiais e técnicas de execução.

Segundo Gonçalves (2023), uma edificação compreende um conjunto de sistemas construtivos que atuam de forma simultânea, harmônica e complementar, sendo que cada componente desse sistema é feito pelo mestre de ofícios. As edificações coloniais das regiões de Ouro Preto e Mariana apresentam variações de sistemas construtivos.

O alicerce da edificação, também chamado de base, é a estrutura inferior que recebe as cargas das estruturas superiores e as transmite para o terreno. Gonçalves (2023) afirma que a grande parte das edificações que empregam o pau a pique ou o adobe como elemento de vedação possuem sua fundação feita em alvenaria de pedras. A técnica chamada de “pedra seca” é quando se concebe o alicerce com pedras, mas sem a utilização de argamassa de assentamento. Também existem as técnicas denominadas “pedra e barro” e “pedra e cal” onde para acomodação das pedras e preenchimento dos espaços vazios, utilizavam-se argamassa de terra e argamassa de areia e cal, respectivamente. Podemos classificar os alicerces ainda como corridos, quando se estendem por todo o perímetro da edificação, ou como isolados, quando são concebidos em pontos estratégicos sob a projeção do elemento a ser construído.

O sistema estrutural, quando confeccionado em madeira, é composto por colunas , vigas e travas interligadas, entre outros, formando uma gaiola autônoma capaz de sustentar as

paredes e o telhado de uma edificação. A madeira oferece boa resistência e flexibilidade ao sistema, proporcionando segurança e estabilidade à construção.

Ainda segundo Gonçalves (2023), as edificações feitas de terra estão sujeitas à ação das águas, tornando o telhado um elemento crucial, pois desempenha um papel importante na proteção da estrutura. O telhado pode se dividir em dois elementos principais: o engradamento e a cobertura. O engradamento apoia-se no sistema estrutural da edificação, transmitindo a ele cargas provenientes da cobertura, dos forros e do próprio peso. Quando construído com madeira, geralmente é composto por cumeeira, tesouras, terças, caibros e ripas.

O profissional que trabalha com as etapas que envolvem o uso da madeira são os carpinteiros. Segundo a Escola de Ofícios Tradicionais de Mariana (EOTM) (2023), a carpintaria é o mais antigo dos ofícios e trabalha com madeira para criação das peças estruturais das construções, sendo utilizadas também em fabricação de móveis, ferramentas, entre outros. A função do carpinteiro, então, é transformar a madeira encontrada na natureza em elementos construtivos. Para isso, é indispensável um profundo conhecimento das características do material, para a correta escolha das madeiras certas para cada aplicação, considerando a resistência física, durabilidade e características de acabamento e estética, para desenvolver os projetos de construção civil de boa qualidade.

Também apresenta-se aplicado na Igreja Nossa Senhora das Mercês o ofício da pintura e da forja. Segundo o Instituto Pedra (2023), o ofício da pintura é fruto da tradição de uso de pigmentos naturais e suas tipologias, preparação e mistura de cores. Técnicas nas quais são utilizados diversos materiais e procedimentos, tais como o uso da cal, caiação, pintura e argamassa pigmentada.

O ofício da forja, presente no portão de acesso à igreja, nas dobradiças das portas, entre outros, consiste no trabalho do metal com o objetivo de conferir uma determinada forma ao mesmo. Esse processo se dá por meio de martelamento ou prensagem, que tem o objetivo de modelar vergalhões que servem de base para a fabricação de elementos de metal.

3.6 Alvenaria de vedação em adobe

De acordo com Gonçalves (2023), originalmente, o termo "alvenaria" referia-se à prática de construir com pedras, porém seu significado foi ampliado para englobar técnicas que envolvem a sobreposição de blocos, como tijolos cerâmicos, tijolos de adobe, pedras, entre outros, na construção de elementos. Além disso, é importante ressaltar que as técnicas de construção utilizando alvenarias de adobe apresentam variações em sua tipologia, resultando em modificações nos materiais e métodos de construção de acordo com as diferentes regiões do Brasil.

Corrêa (2003) afirma que no Brasil as técnicas construtivas à base de terra foram disseminadas a partir do contato dos nativos com os portugueses e, posteriormente, se tornaram amplamente difundidas, persistindo até os dias atuais. Em regiões de clima seco, o adobe e outros tipos de construção com terra crua, taipa leve (pau a pique) e a taipa de pilão, ainda são utilizados, porém com poucas inovações tecnológicas.

Segundo Gonçalves (2023), ao utilizar a terra como componente construtivo, é imprescindível obter conhecimento acerca de suas características, tais como granulometria, plasticidade, compressibilidade, coesão e retração. É possível adquirir esse conhecimento por meio de testes conduzidos em laboratórios ou através da experiência prática. Tal estudo é fundamental, pois as variações de volume das argilas podem ocasionar o surgimento de patologias como fissuras e trincas nos elementos de terra, permitindo a infiltração de água e causando a perda de resistência do material, além da deterioração da alvenaria de vedação.

O adobe, também conhecido como adobo em certas regiões, é um bloco feito de terra crua, dispensando o processo de queima. Sua forma varia entre paralelepípedos e quadrados, assim como suas dimensões e materiais, que são determinados pela região. A fabricação envolve o uso de uma argamassa à base de terra, podendo ser adicionadas fibras ou não. O processo tem início com solo seco sendo peneirado, umedecido e amassado, geralmente com os pés, até atingir uma consistência homogênea. É essencial que a mistura de terra apresente proporções adequadas de areia e argila. O controle da adição de água na argamassa é crucial para garantir a plasticidade necessária para a moldagem da mistura na forma. Normalmente, os adobes são utilizados em conjunto com um sistema estrutural independente (GONÇALVES, 2023).

De acordo com Correa (2003), os moldes são produzidos em madeira em diferentes modelos e tamanhos, incluindo formatos duplos, simples, com encaixe, com $\frac{1}{2}$ e $\frac{3}{4}$ de tijolo, retangulares e quadrados. Todos os moldes possuem "agarraderas" (apoios laterais para as mãos) nas extremidades para facilitar a produção e a remoção. Alguns moldes são projetados com encaixe "macho-fêmea" para aumentar a aderência ao erguer as paredes.

Gonçalves (2023) complementa afirmando que as formas de madeira devem ser umedecidas e polvilhadas com areia seca para evitar que a argamassa grude nas laterais. Uma fina camada de areia seca também deve ser colocada no piso onde os tijolos de adobe serão fabricados. O preenchimento das formas é realizado manualmente. Com uma pressão moderada, a argamassa é colocada no interior da forma e compactada para preenchê-la e o excesso de argamassa na parte superior é removido usando uma régua. Após remover o excesso de argamassa, as formas são retiradas com a ajuda das alças laterais. Os tijolos de adobe devem permanecer no local de fabricação até secarem o suficiente para serem manuseados, permitindo então sua transferência para outras áreas destinadas à conclusão do processo de secagem.

De acordo com Corrêa (2003), geralmente os locais escolhidos para a cura dos tijolos são descobertos. Por outro lado, Gonçalves (2023) afirma que o ideal seria a secagem ocorrer em um local plano e coberto, que ofereça proteção contra intempéries, como chuva e sereno.

4. MATERIAL E MÉTODOS

Para a elaboração deste trabalho foi feito um estudo histórico e uma pesquisa empírica sobre a Igreja Nossa Senhora das Mercês, localizada na Rua das Mercês, no centro histórico da cidade de Mariana, MG, como mostrado na figura 1 abaixo:

Figura 1 - Vista da Igreja das Mercês de Mariana. Foto: Sidnéa Santos



Fonte: Projeto de restauração da Igreja Nossa Senhora das Mercês

4.1 Estudo histórico

O estudo histórico teve início em janeiro de 2023, com o contato com os responsáveis pela Igreja. Durante uma conversa com José Horta, guardião da chave da Igreja, foram obtidas as primeiras informações e recebeu-se a orientação de buscar documentos junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e à Cúria Metropolitana. Considerando-se que a Cúria é um órgão administrativo responsável pelos assuntos eclesiais locais, o foco da pesquisa foi direcionado para o IPHAN.

Em visita ao órgão referido anteriormente, situado à Rua Direita, número 7, na cidade de Mariana, obteve-se acesso aos arquivos contendo documentação que abrange todos os aspectos da Igreja, dos quais foram selecionados materiais relevantes para a elaboração deste trabalho. O principal arquivo utilizado foi o projeto de restauro realizado em 2014, liderado pela arquiteta e urbanista Sandra Fosque Sanches e sua equipe.

4.2 Pesquisa empírica

Em Janeiro de 2023, realizou-se uma visita à Igreja Nossa Senhora das Mercês, com a presença e o apoio de José Horta e dos professores da Escola de Ofícios Tradicionais de Mariana, Waldir Viane, responsável pelo curso de Marcenaria, e Sérgio Norberto Costa Gonçalves, especialista em Cultura e Arte Barroca, Técnico em Conservação e Restauro e Técnico em Conservação e Restauro, responsável pelo curso de Alvenaria. Durante a visita,

foram respeitados os princípios éticos devido ao caráter religioso do local. Nenhum espaço foi visitado ou fotografado sem a permissão do responsável. Além disso, nenhum dano que pudesse afetar o estado de conservação do templo foi causado.

Durante o percurso por algumas instalações da igreja, foram empregadas as técnicas de inspeção visual e tátil para a coleta de dados. A inspeção visual consistiu em uma análise minuciosa de todas as estruturas, uma vez que, mesmo sendo o foco do projeto a alvenaria e as esquadrias, outras partes da estrutura poderiam influenciar seu estado atual. Investigaram-se trincas, rachaduras, sinais de deslocamento ou desprendimento, intervenções inadequadas, modificações não originais ou elementos incompatíveis com o sistema construtivo da edificação e a história da estrutura. Adicionalmente, investigou-se a presença de umidade e ataques biológicos (fungos e líquens). Também foram buscadas deteriorações causadas por fatores como umidade, infiltração, agentes biológicos e corrosão.

A inspeção tátil teve como objetivo avaliar as características físicas e as condições das estruturas. Com muito cuidado para evitar danos, foram investigados descolamentos de reboco nas alvenarias e desprendimento de partes das estruturas, como fragmentos de reboco e pequenas lascas de madeira.

É importante ressaltar que ocorreram algumas limitações durante a pesquisa empírica. Não foi permitido o acesso à torre do sino, portanto não foi possível realizar uma análise precisa de suas condições. Algumas patologias da fachada também não puderam ser observadas criteriosamente, devido a altura que se encontram.

O levantamento completo da edificação não foi necessário, pois foram encontrados nos arquivos do IPHAN a planta baixa, cortes e fachadas correspondentes. Durante a pesquisa, utilizou-se uma trena para medir área de alvenaria sem reboco, largura das trincas ou fissuras, entre outras.

Com um lápis, folhas A4 e uma prancheta, foram elaborados croquis contendo informações relevantes sobre o estado de conservação e as patologias encontradas em cada estrutura. Também foi utilizado um celular para capturar imagens relevantes. As imagens capturadas foram comparadas com existentes na pesquisa de 2014.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O levantamento de dados se mostrou bastante produtivo. Por meio do IPHAN, foi obtido acesso a diversos arquivos referentes à Igreja. Somando-se, o professor da Escola de Ofícios Tradicionais de Mariana, Sérgio Norberto Costa Gonçalves, além de ter acompanhado a visita, também é um dos membros da equipe da arquiteta Sandra Fosque Sanches, e disponibilizou alguns arquivos que foram utilizados na elaboração do projeto de restauro de 2014.

Partindo do estudo dos documentos, elaborou-se a descrição da igreja, que para melhor entendimento, foi dividida em três tópicos. No tópico 5.1 estão descritas as características gerais da edificação, como as áreas dos cômodos e materiais utilizados para a sua construção. No tópico 5.2 é apresentado o estado de conservação em que a Igreja se encontrava no ano de 2014, de acordo com o projeto de restauro. Por fim, é exposto o tópico 5.3, onde são apresentadas patologias identificadas pelo autor durante a inspeção visual feita no templo religioso.

5.1 A igreja

A Igreja Nossa Senhora das Mercês, que hoje se encontra fechada para cultos e visitas, apresenta características menos elaboradas se comparada a outras igrejas do mesmo estilo arquitetônico da região.

A edificação apresenta um piso misto constituído por pedra, ladrilho hidráulico, tabuado de madeira sobre barrotes e cimento queimado, conforme pode ser observado na figura 2 a seguir.

Figura 2 - Pisos da Igreja. Foto: Sandra Fosque - 07/2014



Fonte: Sérgio Norberto Costa Gonçalves

As paredes são feitas de tijolos de adobe, exceto as da torre que são construídas com tijolo cerâmico maciço e rebocadas com argamassa de cimento. Pode-se observar bem a alvenaria pela figura 3, retirada dos arquivos do IPHAN, que mostra a fachada lateral esquerda da edificação.

Figura 3 - Obras de restauro em 2002



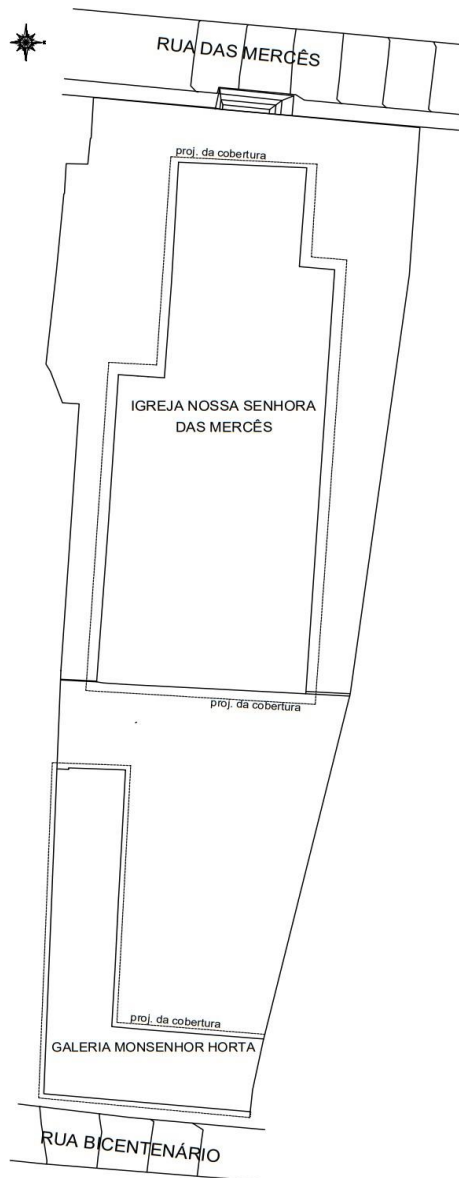
Fonte: Relatório Pasta Mercês ET II IPHAN Mariana/MG.

O perímetro externo é circundado por um baldrame saliente, com altura variável, sendo mais alto próximo à fachada principal e menor próximo à fachada posterior.

Os baldrames foram construídos com pedra argamassada, exceto na lateral esquerda da nave, onde foi utilizado tijolo cerâmico maciço. O revestimento externo e interno foi edificado com argamassa à base de cal.

O templo religioso, implantado em um terreno de 1130,40m², tem a frente voltada para a Rua das Mercês e seu fundo, para a Rua Capitão Joaquim Gomes Araújo, também conhecida como Rua Bicentenário. A divisa da frente da igreja para rua é fechada por um balaústre e um portão de ferro. Por estar em um nível acima ao da rua, o acesso ao adro se dá por uma escadaria, feita em pedra, que possui 5 degraus. O adro não circunda toda a Igreja pois no fundo da mesma existe um cemitério, sendo a divisa pela lateral esquerda feita por um muro e a divisa do lado direito feita por um portão de ferro. O cemitério possui uma galeria com área construída de 127,23m², que não será detalhada neste projeto. A figura 4 mostra a planta de localização da igreja.

Figura 4 - Planta de localização



Fonte: Sérgio Norberto Costa Gonçalves

Pode-se observar, através da figura 5, que a Igreja apresenta quatro entradas distintas. Ao atravessar a porta principal, chega-se ao átrio, com uma área de 16,28m². Nesse espaço, é possível observar três tipos de revestimentos de piso distintos: no centro, há ladrilhos hidráulicos de diversas cores, circundados por uma faixa de cimento queimado pigmentado na cor vermelha, e nas extremidades há um tabuado de madeira suportado por barrotes. No canto direito do Átrio, encontra-se a escada caracol de acesso para o Coro. A base da escada que leva ao coro é revestida por lajotas de pedra do tipo quartzito e pedras do tipo ardósia, sendo própria escada feita de madeira.

Concomitante ao átrio, encontra-se a nave, que possui uma área de 71,53 m², dividida em dois patamares separados por um degrau com espelho de 20 cm e balaustres em madeira. A Nave apresenta um piso de madeira sustentado por barrotes e possui nas laterais esquerda e direita, um púlpito e um pequeno altar.

A Capela Mor, localizada no mesmo nível da Nave (0,45m), abrange uma área de 23,02m² e oferece acesso a dois cômodos, além do Presbitério, com 24,64m²: à Capela do Santíssimo, com 51,12m² e à Sala do Ex-voto, com 47,73m².

O acesso ao Presbitério, por estar em nível acima da Capela Mor, se dá por uma escada com quatro degraus. O primeiro deles é em pedra do tipo ardósia, sendo os outros três em pedra do tipo quartzito. O piso apresenta pedra do tipo quartzito

A Capela do Santíssimo, com acesso por porta de madeira, está localizada à esquerda da Capela Mor, sendo seu piso constituído de madeira suportada por barrotes. Pode ser acessada pela Sacristia, pela Capela Mor e também por um corredor de 12,32m² que leva ao quarto acesso para o interior da igreja.

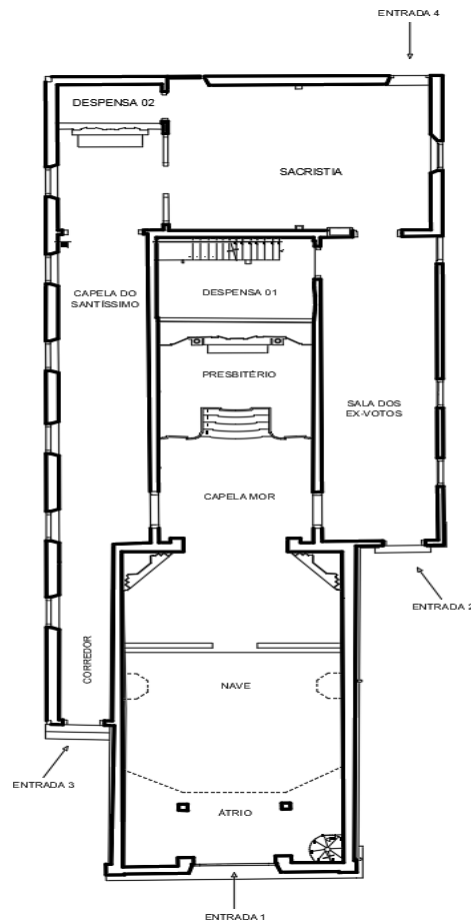
O corredor, com piso de ladrilho hidráulico, está situado acima do nível do Átrio e a escada que o conecta possui dois degraus feitos de quartzito e ardósia. Juntos, o corredor e a capela do santíssimo possuem seis janelas.

A sala dos Ex-votos, com acesso por porta de madeira à partir da Capela Mor, está localizada à direita desta. Tem o piso em ladrilho hidráulico e possui três janelas e quatro portas. A primeira porta é a que dá acesso ao cômodo. A segunda dá acesso ao Adro, a terceira conduz à despensa 01 e a quarta leva à Sacristia. A despensa 01 possui uma área de 17,32m², com piso revestido por cimento queimado, e nela encontra-se uma escada com treze degraus feita em madeira que permite acesso a uma pequena sala localizada atrás do altar principal da igreja.

A Sacristia, com uma área de 51,30m², apresenta um piso central revestido com ladrilhos hidráulicos bicolores ornamentados com desenhos florais, enquanto nas extremidades foram utilizados ladrilhos hidráulicos bicolores com desenhos geométricos, que circundam todo o perímetro do cômodo. A Sacristia possui quatro janelas e quatro portas: uma que conduz ao cemitério, outra à despensa 02, a terceira à Capela do Santíssimo e a quarta, mencionada anteriormente, que leva à sala dos Ex-votos.

O coro, com uma área de 24,0m², possui um piso de tabuado corrido. A partir dele, é possível acessar a torre da igreja por meio de duas escadas de madeira interligadas por um patamar, cujo piso é inteiramente composto por barrotes. O coro possui duas janelas que proporcionam vista para a Rua das Mercês. O piso da torre foi edificado com cimento grosso, sobre um assoalho de madeira fixado em barrotes.

Figura 5 - Planta baixa



Fonte: Sérgio Norberto Costa Gonçalves

5.2 Estado de conservação da Igreja em 2014

De acordo com o mapeamento de danos realizado pela arquiteta Sandra Fosque e sua equipe, em julho de 2014, a Igreja Nossa Senhora das Mercês, apesar de ter recebido uma pintura na época e da limpeza constante, apresentava um estado precário de conservação. As imagens e descrições, apresentadas a seguir separadas por fachadas, demonstram o estado em que o templo se encontrava.

O balaústre da entrada, apresentado na figura 6, apresentava trincas horizontais no pilar, parte faltante em uma das peças, perdas pontuais da camada pictórica e manchas.

Figura 6 - Balaústre da entrada. Foto: Sandra Fosque - 07/2014



Fonte: Projeto de restauração da Igreja Nossa Senhora das Mercês

5.2.1 Fachada Principal

A Figura 7 apresenta a fachada principal da Igreja, onde foram identificados com os números 1, 2 e 3, as patologias presentes na mesma.

Figura 7 - Fachada Principal



Fonte: Projeto de restauração da Igreja Nossa Senhora das Mercês

De acordo com Sandra, as paredes demandavam uma preocupação maior que outros elementos, demonstrando um estado de conservação precário do ponto de vista estrutural.

Em geral, a fachada apresentava sujidade generalizada, manchas e desgaste da camada pictórica. Nos baldrames, observavam-se trincas, fissuras, eflorescência e intervenções inadequadas com cimento, representados na Figura 7 pelo número 2 (figura 8 a seguir).

Figura 8 - Parede do frontispício. Foto: Tamara Pereira - 07/2014



Fonte: Projeto de restauração da Igreja Nossa Senhora das Mercês

Ambos os cunhais já haviam passado por intervenções anteriores, as quais introduziram materiais inadequados e vícios de construção, os quais sofriam com deterioração por umidade e por ataque de insetos xilófagos, representados na figura 7 pelo número 3 (figura 9 a seguir). Observava-se, no plano de parede desta fachada, uma trinca na horizontal, que tinha seu traçado da peça do cunhal até a verga esquerda da porta principal. As peças de madeira localizadas acima do plano de parede da fachada principal e abaixo dos cachorros, representadas na Figura 7 pelo número 1, apresentavam deslocamentos com formação de lacunas e ataque de insetos xilófagos, como mostrado na Figura 10 a seguir.

Figura 9 - Cunhal fachada principal. Foto: Tamara Pereira - 07/2014



Fonte: Projeto de restauração da Igreja Nossa Senhora das Mercês

Figura 10 - Frontão. Foto: Tamara Pereira - 07/2014

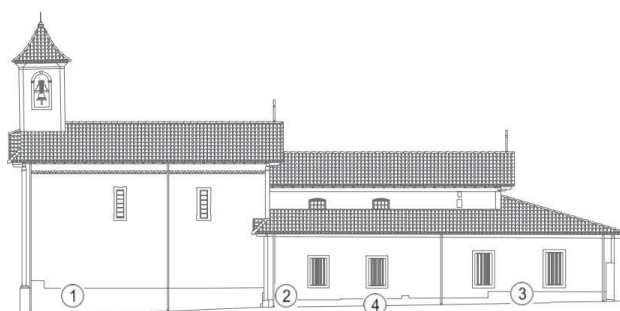


Fonte: Projeto de restauração da Igreja Nossa Senhora das Mercês

5.2.2 Fachada lateral direita

A figura 11 apresenta a fachada lateral direita da Igreja, onde foram identificados com os números de 1 a 4, as patologias presentes na mesma.

Figura 11 - Fachada direita

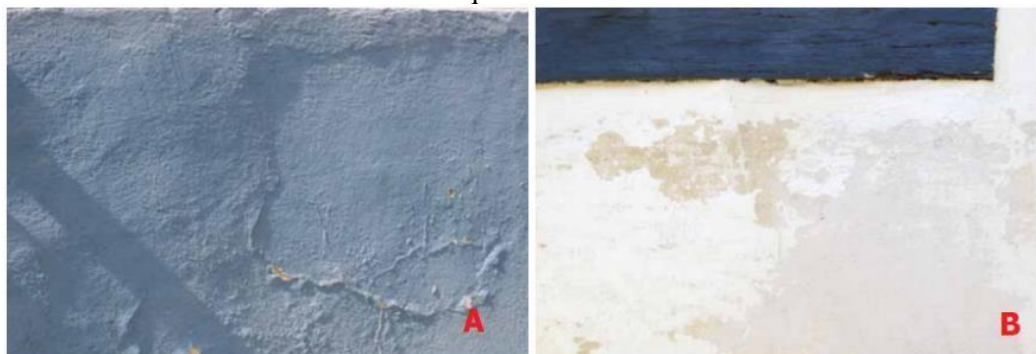


Fonte: Projeto de restauração da Igreja Nossa Senhora das Mercês

Sandra e sua equipe constataram que a parte da fachada que corresponde ao corredor lateral direito possuía fissuras e trincas na parte acima da verga da porta do corredor lateral. O cunhal localizado ao lado da porta do corredor lateral direito encontrava-se deteriorado por ataque de insetos xilófagos e pela umidade.

Na Figuras 12-A e 12-B, são representados os locais que apresentavam manchas de umidade e perda da camada pictórica (números 1 e 4 da figura 11 acima).

Figura 12 - A - Detalhe do barrado; B - detalhe da parede da fachada lateral direita. Foto: Sandra Fosque - 07/2014



Fonte: Projeto de restauração da Igreja Nossa Senhora das Mercês

O número dois indica o local que apresentava mancha enegrecida, por respingos de água e constante exposição às intempéries, problema que se agrava próximo às calhas. Nesse mesmo ponto, o barrado apresentava manchas de umidade ascendente com eflorescência, além de intervenções inadequadas com utilização de materiais incompatíveis (enxertos com argamassa de cimento em parte do barrado), visíveis na figura 13 a seguir.

Figura 13 - Detalhe da parede da fachada lateral direita. Foto: Sandra Fosque - 07/2014



Fonte: Projeto de restauração da Igreja Nossa Senhora das Mercês

O número quatro indica o ponto que apresentava intervenções inadequadas onde o sistema hidráulico adaptado gerou problemas de infiltração de umidade danificando a parede de adobe. É possível ver na figura 14 a utilização de materiais incompatíveis, presença de umidade com eflorescência, crescimento de vegetação de pequeno porte e descolamento de parte da camada pictórica.

Figura 14 - Detalhe da parede da fachada lateral direita. Foto: Sandra Fosque - 07/2014

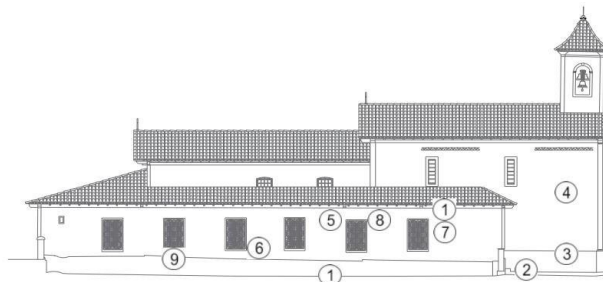


Fonte: Projeto de restauração da Igreja Nossa Senhora das Mercês

5.2.3 Fachada lateral esquerda

Entre todas as fachadas, a da lateral esquerda é a que apresentava o maior acúmulo de patologias. O diagnóstico foi representado por Sandra Fosque na figura 15, onde os números de 1 a 8 mostram o local das patologias presentes na mesma.

Figura 15 - Fachada lateral esquerda



Fonte: Projeto de restauração da Igreja Nossa Senhora das Mercês

Os números indicam:

Número 1: Manchas enegrecidas e presença de pátina biológica, sendo que próximo as calhas existia um agravamento do problema. Entre as paredes e o beiral notou-se fissuras e manchas de umidade, além de um acúmulo de sujeira. A pintura se apresentava desbotada e craquelada com perdas pontuais da camada pictórica (figura 16).

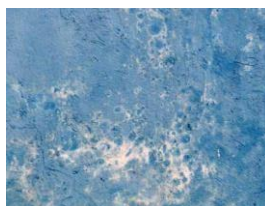
Figura 16 - Fachada lateral esquerda. Foto: Sérgio Sanches - 07/2014



Fonte: Projeto de restauração da Igreja Nossa Senhora das Mercês

Número 2: Reboco com superfície quebradiça e pulverulenta, com presença de eflorescências, causadas por contaminação pela presença de sais transportados pela umidade proveniente do solo. (figura 17)

Figura 17 - Detalhe da parede do barrado da fachada lateral esquerda. Foto: Sandra Fosque - 07/2014



Fonte: Projeto de restauração da Igreja Nossa Senhora das Mercês

Número 3: Fissura horizontal com perdas pontuais do reboco, indicando acomodação de materiais e movimentos vibratórios causados por tráfego de veículos e obras na vizinhança da edificação. (figura 18)

Figura 18 - Detalhe da parede do barrado da fachada lateral esquerda. Foto: Sandra Fosque - 07/2014



Fonte: Projeto de restauração da Igreja Nossa Senhora das Mercês

Número 4: Perdas pontuais da camada pictórica (figura 19)

Figura 19 - Detalhe da parede da fachada lateral esquerda. Foto: Pedro Bui - 07/2014



Fonte: Projeto de restauração da Igreja Nossa Senhora das Mercês

Número 5: Descolamento do reboco com perdas de material, causadas provavelmente por intervenções inadequadas e umidade, fissuras nas extremidades das vergas subindo em direção ao frexal indicando a possibilidade de apodrecimento de peças de madeira. (figura 20)

Figura 20 - Fachada lateral esquerda. Foto: Pedro Bui - 07/2014



Fonte: Projeto de restauração da Igreja Nossa Senhora das Mercês

Números 6 e 8: Fissuras nas extremidades das vergas e peitoris em todas as esquadrias, possivelmente causadas por apodrecimento de peças de madeira horizontais, e movimentos vibratórios causados por tráfego de veículos e obras na vizinhança da edificação. (figura 21)

Figura 21 - Detalhe da parede da fachada lateral esquerda. Foto: Pedro Bui - 07/2014



Fonte: Projeto de restauração da Igreja Nossa Senhora das Mercês

Número 7: Manchas escorridas amareladas, provocadas pela infiltração de águas no peitoril, causando a lixiviação do adobe. (figura 22)

Figura 22 - Detalhe da parede da fachada lateral esquerda. Foto: Pedro Bui - 07/2014



Fonte: Projeto de restauração da Igreja Nossa Senhora das Mercês

5.2.4 Fachada posterior

A Figura 23 apresenta a fachada posterior da Igreja, onde foram identificados com os números de 1 a 4, as patologias presentes na mesma.

Figura 23 - Fachada posterior



Fonte: Projeto de restauração da Igreja Nossa Senhora das Mercês

De acordo com Sandra e sua equipe, a empena posterior da Capela Mor apresentava diversas patologias, causadas pela exposição às intempéries do tempo, falta de manutenção e intervenções inadequadas. Os problemas detectados, representados pelo número 1, foram desprendimento do reboco com formação de lacunas, fissuras, apodrecimento das peças de madeira e descolamento da camada pictórica (figura 24).

Figura 24 - Empena. Foto: Tamara Pereira - 08/2014



Fonte: Projeto de restauração da Igreja Nossa Senhora das Mercês

A parede também apresentava perda e craquelamento da camada pictórica e fissuras verticais, indicadas pelo número 2 (figura 25).

Figura 25 - Parede da fachada posterior. Foto: Tamara Pereira - 08/2014



Fonte: Projeto de restauração da Igreja Nossa Senhora das Mercês

Na parede dos fundos da sacristia, indicadas pelo número 3, foi verificada a presença de umidade, pátina biológica e vegetação de pequeno porte em vários locais próximos à sua base (figura 26).

Figura 26 - Parede da fachada posterior. Foto: Tamara Pereira - 08/2014



Fonte: Projeto de restauração da Igreja Nossa Senhora das Mercês

O número quatro indica o cunhal direito que mostravam sinais de deterioração por umidade e por ataque de insetos xilófagos (figura 27).

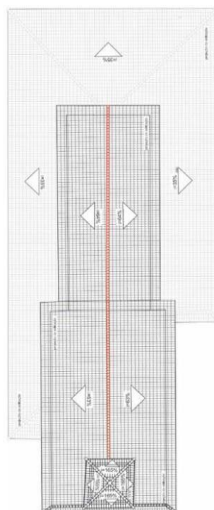
Figura 27 - Parede da fachada posterior. Foto: Tamara Pereira - 08/2014



5.2.5 Cobertura

A Figura 28 apresenta o diagrama de cobertura da Igreja Nossa Senhora das Mercês.

Figura 28 - Representação da cobertura



Fonte: Projeto de restauração da Igreja Nossa Senhora das Mercês

O relatório da Sandra relata que o telhado, que foi construído em estrutura de madeira e coberto com telhas cerâmicas do tipo capa e canal, havia passado por intervenções recentes, sendo nestas realizadas reparos e substituição de peças. Apesar disso, ele apresentava fungos

e líquens sobre as telhas, além de algumas peças quebradas que causavam pingueiras e infiltrações de águas de chuva.

A cobertura da torre apresentava bom estado de conservação, contendo somente sujidade. Os telhados da nave juntamente com o telhado que cobre a capela Mor apresentavam sujidade generalizada, ausência de amarração das telhas que levaram ao deslocamento das mesmas. Ambos os telhados não possuíam manta térmica impermeabilizante (figura 29).

Além disso foi relatado que os frechais se mostravam deteriorados por ação de umidade e ataque de insetos xilófagos, vícios de construção, desestruturação de sambladuras (encaixes), intervenções inadequadas, oxidação dos tirantes de cabo de aço, infiltrações junto ao arco cruzeiro, deterioração da camada pictórica do guarda pó e dos cachorros.

Figura 29 - Vista geral da cobertura. Foto: Tamara Pereira - 07/2014



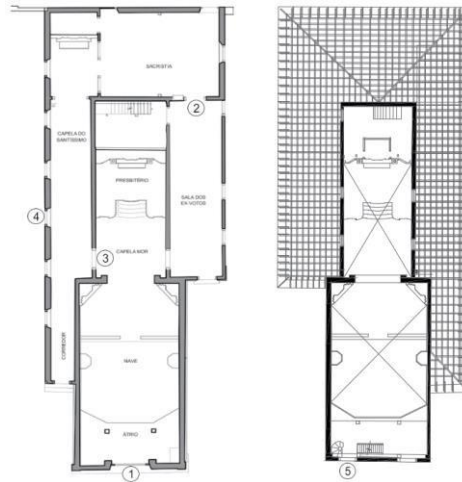
Fonte: Projeto de restauração da Igreja Nossa Senhora das Mercês

5.2.6 Esquadrias

No documento de diagnóstico da igreja elaborado pela Sandra Fosque Sanches, constava a representação da planta baixa (figura 30) com o número 1 indicando a porta de entrada principal (figura 31); número 2 indicando a porta que interliga a sala dos Ex-votos com a sacristia (figura 32-A); número 3 a porta que liga a capela mor com a capela do santíssimo

(figura 32-B); número 4 janela da fachada da lateral esquerda (figura 33); e número 5 a janela esquerda da fachada principal (figura 34)

Figura 30 - Planta baixa



Fonte: Projeto de restauração da Igreja Nossa Senhora das Mercês

Figura 31 - Porta entrada principal Foto: Sergio Sanches



Fonte: Projeto de restauração da Igreja Nossa Senhora das Mercês

Figura 32 - Porta sala dos Ex-votos e porta capela mor respectivamente. Foto: Sergio Sanches.



Fonte: Projeto de restauração da Igreja Nossa Senhora das Mercês

Figura 33 - Janela fachada lateral esquerda Foto: Sergio Sanches



Fonte: Projeto de restauração da Igreja Nossa Senhora das Mercês

Figura 34 - Janela fachada principal Foto: Sergio Sanches



Fonte: Projeto de restauração da Igreja Nossa Senhora das Mercês

O documento com o diagnóstico indicava que todas as esquadrias se encontram detalhadamente em um caderno anexo, que não obtive acesso. A única constatação feita foi que por serem em sua maioria compostas por peças de madeira apresentam problemas de apodrecimento por umidade e ataque de insetos, tornando-as frágeis e gerando problemas para a segurança da edificação, o que justificava a existência nas janelas da fachada lateral esquerda de grades metálicas como solução para uma maior segurança.

5.3 Estado de conservação da igreja em 2023

Durante a visita à Igreja, com a presença de José Horta, Waldir Viane e Sérgio Norberto, buscou-se registrar o estado em que o templo se encontrava. Para melhor entendimento, as imagens serão apresentadas na mesma configuração do tópico anterior.

O balaústre da entrada (figura 35), que no registro feito em 2014 apresentava uma pequena parte faltante, havia perdido grande parte de sua composição. As trincas, que antes eram vistas apenas no pilar, se espalharam por toda a estrutura, tanto no eixo horizontal quanto no vertical. E por fim as perdas de camada pictórica e manchas, antes pontuais, se mostravam presentes em toda sua extensão.

Figura 35 - Balaústre



Fonte: Do autor - 01/2023

5.3.1 Fachada Principal

Os cunhais, que anteriormente exibiam sinais de intervenções inadequadas e deterioração causada pela umidade, agora apresentam partes faltantes tanto na estrutura de madeira, claramente atacada por insetos xilófagos, quanto na parte em cimento. Na figura 36 a seguir, é possível observar até mesmo um pequeno pedaço de material que se despreendeu.

Figura 36 – Cunhal esquerdo da fachada principal



Fonte: Do autor - 01/2023

A sujidade e o desgaste da camada pictórica se espalharam por todo o frontão, sendo possível ver na figura 37, a seguir, manchas escurecidas e perda de reboco no barrado da estrutura. Além disso, no baldrame havia trincas, fissuras e eflorescências, sendo possível ver o crescimento de vegetação de pequeno porte.

Figura 37 – Frontão



Fonte: Do autor - 01/2023

Também é possível ver na figura 38 que durante os anos houve desprendimento da camada de reboco à esquerda da porta principal e próximo as peças de madeira localizadas acima do plano de parede e abaixo dos cachorros. Esses danos afetaram os elementos decorativos da fachada feitos em estuque.

Figura 38 – Fachada principal



Fonte: Do autor - 01/2023

5.3.2 Fachada lateral direita

A primeira cena que vemos ao andar pela lateral direita é que na fachada existe um quadro de energia com fios expostos mostrado na figura 39 a seguir.

Figura 39 – Quadro de energia



Fonte: Do autor - 01/2023

Por toda extensão do barrado foi possível ver sujidades, eflorescências, desprendimento do reboco, trincas, fissuras e manchas de umidade causadas por respingos de água e constante exposição às intempéries. Inclusive, através da análise tátil foi possível sentir umidade em alguns pontos. Essas ocorrências se intensificaram próximas as descidas das calhas, onde foi possível ver a presença de vegetação. A figura 40 a seguir mostra claramente a situação relatada.

Figura 40 – Barrado da lateral direita



Fonte: Do autor - 01/2023

O ponto diagnosticado em 2014, no qual o sistema hidráulico adaptado gerou problemas de infiltração que danificou a parede de adobe, sofreu intervenção. Porém podemos ver através da figura 41 que o material utilizado não condiz com o estilo arquitetônico do templo religioso.

Figura 41 – Intervenção no sistema hidráulico



Fonte: Do autor - 01/2023

O cunhal localizado ao lado da segunda porta de acesso a igreja, que antes se encontrava deteriorado por ataque de insetos xilófagos e pela umidade, agora apresentava a interface entre a base do cunhal e o baldrame quase inexistente. A figura 42 abaixo mostra o buraco causado pelo apodrecimento da peça.

Figura 42 - Cunhal



Fonte: Do autor - 01/2023

A figura 43 mostra uma trinca que vai do frechal até o barrado existente na parede relativa a Sala dos Ex-Votos. Além da trinca também foi visto perda de camada pictórica em diversos pontos da fachada.

Figura 43 – Trinca na fachada



Fonte: Do autor - 01/2023

Por fim, na face da parede localizada no segmento da Nave mostrado na figura 44, foi identificado, além da perda da camada pictórica em diversos pontos, o indício do descolamento de um grande maciço de reboco.

Figura 44 – Desprendimento de reboco



Fonte: Do autor - 01/2023

5.3.3 Fachada lateral esquerda

Da mesma forma que nas fachadas anteriores, as patologias da lateral esquerda se agravaram. O acúmulo de materiais de construção e a falta de manutenção e limpeza propiciaram o surgimento de vegetação que, além de causar poluição visual, pode servir de abrigo para animais peçonhentos. A figura 45 mostra o retrato da situação vista no local.

Figura 45 – Acúmulo de entulho



Fonte: Do autor - 01/2023

É visível na figura 46 a seguir que por toda a extensão da fachada a pintura estava desbotada e com perdas pontuais da camada pictórica. Nas proximidades de todas as calhas, manchas enegrecidas e presença de pátina biológica se faziam presentes, sendo que em alguns pontos essas manchas ocorriam até quase a altura da cobertura.

Figura 46 – Perda da camada pictórica



Fonte: Do autor - 01/2023

O barrado apresentava inúmeras trincas, fissuras, superfície quebradiça e pulverulenta e alguns desprendimentos pontuais do reboco, visíveis na figura 47-A. Na figura 47-B tem-se uma linha de marca d'água causada por um cano de descida de água da calha quebrado.

Figura 47 – Barrado da lateral esquerda



Fonte: Do autor - 01/2023

Pode-se observar na figura 48 que o pequeno pedaço de reboco faltante, relatado em 2014, evoluiu para um grande maciço que se desprendeu. No mesmo ponto, a fissura acima da janela mostra a existência de um maciço ainda maior que o primeiro, também com risco de queda.

Figura 48 – Desprendimento do reboco



Fonte: Do autor - 01/2023

Por fim vemos na figura 49, na linha entre o frechal e a alvenaria de adobe, o desprendimento de pequenas lascas de reboco indicando infiltração vinda da cobertura.

Figura 49 – Desprendimento do reboco



Fonte: Do autor - 01/2023

5.3.4 Fachada posterior

A fachada posterior é a que mais sofreu com os anos que se passaram . Assim como todas as fachadas já mostradas anteriormente, a mesma apresentava perda da camada pictórica por toda sua extensão, manchas enegrecidas, desprendimento do reboco no barrado, sujidades, eflorescências, trincas, fissuras e manchas de umidade, mostradas na figura 50. Uma fissura que se estende do frechal até a viga baldrame se fazia presente na alvenaria da sacristia, mostrado na figura 51.

Figura 50 – Detalhe da fachada posterior



Fonte: Do autor - 01/2023

Figura 51 – Fissura na fachada



Fonte: Do autor - 01/2023

A estrutura mais comprometida de toda a igreja é o cunhal direito, representado na figura 52 a seguir. A sua base estava apodrecida e apresentava rachaduras e perda de reboco no seu entorno, o que compromete a sua ligação com o baldrame. Por toda a sua extensão foi possível

ver os resultados dos ataques de insetos xilofagos e da ação da umidade durante os anos. Como resultado desses ataques as peças apresentam fissuras, buracos e desprendimento de grandes pedaços de madeira, mostrado na figura 53.

Figura 52 – Cunhal direito



Fonte: Do autor - 01/2023

Figura 53 – Peça desprendido do cunhal



Fonte: Do autor - 01/2023

A dimensão das fissuras é tão grande que em algum momento o preencheram com cimento, como visto na figura 54. Somado a isso, o que agrava a situação do cunhal era a precariedade do sistema elétrico mostrado na figura 55. Fios expostos e mal encapados, formando um cenário propício para o início de um incêndio.

Figura 54 – Detalhe do cunhal direito



Fonte: Do autor - 01/2023

Figura 55 - Detalhe do cunhal direito



Fonte: Do autor - 01/2023

Por fim, tem-se a empena da Capela Mor mostrada na figura 56. Além da perda de camada pictórica, a mesma apresentava dois grandes desprendimentos do reboco. Esse cenário propicia que as peças de madeira e a alvenaria de adobe estejam expostas à intempérie e a ação do tempo.

Figura 56 – Empena da Capela Mor

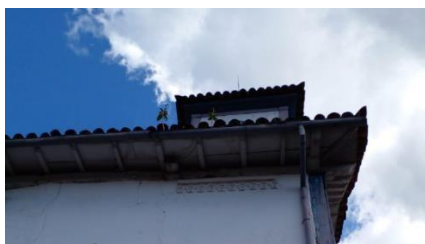


Fonte: Do autor - 01/2023

5.3.5 Cobertura

Não se pôde analisar criteriosamente as condições da cobertura, devido a falta de acesso ao local. Entretanto, foi verificado durante a inspeção e mostrado na figura 57, que ao redor do templo estava começando a surgir vegetação em alguns pontos das calhas, que podem levar ao deslocamento de telhas.

Figura 57 – Vegetação na calha



Fonte: Do autor - 01/2023

5.3.6 Esquadrias

5.3.6 Esquadrias

No geral as esquadrias, por serem todas em madeira, apresentavam os mesmos problemas vistos nos cunhais e frechais já comentados anteriormente. De acordo com Waldir, o professor de marcenaria que acompanhou a visita, as madeiras utilizadas na construção das esquadrias da igreja são vinhático e peroba do campo.

A figura 58-A mostra a porta de acesso principal da igreja. As duas folhas apresentavam perda de camada pictórica e sujeidade. A figura 58-B mostra uma fissura identificada na segunda almofada da folha direita. A figura 58-C mostra a base da porta onde é visível a degradação pela ação da umidade, fissuras na junção das peças e um pedaço faltante da estrutura. A figura 58-D mostra a base direita do marco, onde é possível ver trincas, fissuras e sinal de intervenções inadequadas, além da mancha de ferrugem na estrutura de madeira.

Figura 58 – Porta de acesso principal



Fonte: Do autor - 01/2023

Na lateral direita tem-se a porta do segundo acesso da igreja, mostrado na figura 59-A. As bases esquerda e direita do marco, representadas a seguir pela figura 59-B e 59-C respectivamente, são feitas de madeira e apresentam trincas e fissuras, sinais de ataque de insetos xilofagos e degradação pela ação da umidade. A figura 59-D mostra o ponto onde é possível ver manchas causadas pela ferrugem dos pregos. A pintura da porta se apresentou desbotada e por toda a extensão do marco foi possível ver a perda da camada pictórica, representada na figura 59-E.

Figura 59 – Porta da lateral direita



Fonte: Do autor - 01/2023

O acesso ao interior da igreja pelo lado esquerdo se dá pela porta mostrada na figura 60 a seguir. Apesar da pintura desbotada e sujidade, mostrada pela figura 60-A, esse é o acesso que apresentava as melhores condições. A base direita do marco apresentava fissuras na sua estrutura de madeira e no seu contato com o piso. Também foi possível ver um pedaço faltante da intercessão da alvenaria com a madeira, causado pelo apodrecimento da peça (figura 60-B).

Figura 60 – Porta da lateral esquerda



Fonte: Do autor - 01/2023

O último acesso da igreja, representado na figura 61 abaixo, apresenta o mesmo problema dos demais acessos. Desbotamento da pintura e manchas de sujidade mostradas na figura 61-A. As bases dos marcos estão bastante danificadas pela umidade e ataque de insetos xilofagos mostradas pelas figuras 61-B e 61-C. A folha apresentava uma trinca enorme que sai

do meio da porta até a sua parte superior. Por fim, mostrado pela figura 61-E, tem-se na intersecção do marco com a alvenaria um ponto com perda de reboco e apodrecimento da peça de madeira.

Figura 61 – Porta de acesso



Fonte: Do autor - 01/2023

De forma geral, as janelas da igreja apresentavam as mesmas condições: pintura desbotada, perda da camada pictórica e apodrecimento por ataque de insetos xilófagos e umidade.

A única janela que apresenta situação mais grave é a segunda janela da Capela do Santíssimo, no sentido do altar para a entrada 3. Na figura 62 abaixo é possível ver que no canto esquerdo, próximo a contraverga, e no canto direito, na metade do marco, as peças de madeira foram completamente danificadas, formando literalmente um buraco na estrutura. Além disso, a mancha amarelada abaixo da contraverga indica que o adobe estava sofrendo uma forte lixiviação.

Figura 62 – Janela lateral esquerda



Fonte: Do autor - 01/2023

6. CONCLUSÃO

Com base nos resultados obtidos neste projeto, foi constatado que as patologias diagnosticadas no trabalho realizado por Sandra Fosque Sanches e sua equipe não apenas se mantiveram, mas também se agravaram ao longo de nove anos sem manutenção adequada. Durante o estudo, foram identificadas apenas duas intervenções perceptíveis: o preenchimento com cimento do buraco no sistema hidráulico da torneira da fachada lateral direita e do cunhal direito da fachada posterior. No entanto, ambas as intervenções são inadequadas, pois o uso de revestimento de cimento não está em consonância com as técnicas construtivas da igreja e não deve ser empregado como solução para patologias em peças de madeira.

Nenhuma das áreas analisadas apresentou melhorias nas condições de conservação quando comparadas aos dois períodos. O surgimento de fissuras nas alvenarias da sala dos Ex-Votos e da Sacristia indica que o apodrecimento dos cunhais e dos frechais está comprometendo sua função estrutural, sobrecarregando as alvenarias e resultando no aparecimento de fissuras e rachaduras. Além disso, acredita-se que essa sobrecarga, combinada com a ação da água proveniente das calhas em péssimo estado, seja responsável pelo desprendimento do reboco na fachada lateral esquerda da igreja.

Todas as quatro fachadas apresentam pintura desbotada e danificada devido à ação do tempo, o que torna evidente para qualquer observador o estado degradado em que a estrutura se encontra. As esquadrias, assim como a maioria das estruturas de madeira, sofreram consideravelmente ao longo do tempo. O estado de conservação dessas peças, seja devido ao ataque de cupins ou à ação da água, é tão precário que talvez em sua manutenção seja necessário realizar a substituição parcial das peças.

A igreja Nossa Senhora das Mercês, localizada na cidade de Mariana, MG, possui um acervo valioso de obras sacras e um significado inestimável para a comunidade local. Portanto, é imprescindível que a revitalização da igreja seja realizada o mais rápido possível, a fim de preservar sua história, sua importância cultural e proporcionar um ambiente seguro e digno para os frequentadores e admiradores.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar das limitações de acesso a todas as instalações da igreja para um diagnóstico mais completo, os resultados obtidos foram considerados satisfatórios, uma vez que alcançou-se o objetivo principal de avaliar o estado de conservação das esquadrias e da alvenaria externa da igreja.

Para trabalhos futuros, é sugerido que o mesmo processo de análise utilizado neste projeto seja aplicado às demais estruturas do templo religioso. Dessa forma, será possível avaliar de forma abrangente os danos em toda a edificação e obter uma análise mais precisa do que precisa ser feito para recuperar esse monumento de grande importância histórica para a cidade de Mariana.

Fundamental para a realização deste trabalho, a Escola de Ofícios Tradicionais de Mariana busca viabilizar a preservação do patrimônio, em suas dimensões material e imaterial, por meio da capacitação, com aulas práticas e teóricas, em técnicas construtivas tradicionais. Nesse sentido, seria interessante explorar uma cooperação entre as entidades, possibilitando que reparos pontuais nas estruturas da igreja sejam realizados por alunos da escola. Isso incentivaria o aprendizado e enriqueceria o conhecimento cultural desses estudantes, além de trazer melhorias imperiosas e imprescindíveis ao patrimônio público

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Histórico. Prefeitura Municipal de Mariana, 2023. Disponível em: <<https://www.pmmariana.com.br/historico>>. Acesso em: 13 de junho de 2023.

Mariana (MG). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/372/>>. Acesso em: 13 de junho de 2023.

Patrimônio Cultural. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/218/>>. Acesso em: 20 de junho de 2023.

Mariana - Igreja de Nossa Senhora das Mercês. Ipatrimonio, 2020. Disponível em: <<https://www.ipatrimonio.org/mariana-igreja-de-nossa-senhora-das-mercês/>>. Acesso em: 20 de junho de 2023.

WERNECK, G. Nossa História: A redescoberta do Brasil. Estado de Minas, 2015. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2015/05/09/interna_gerais.645732/a-redescoberta-do-brasil.shtml/> Acesso em: 20 de junho de 2023.

SILVEIRA, M. A. Justiça e Poder em uma Sociedade em Transformação – Mariana, Minas Gerais (1745-1872). XIV Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia de la Facultad de Filosofía y Letras. Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza, 2013.

TEIXEIRA, V. C. A Irmandade de Nossa Senhora das Mercês de Mariana: Formação, Estruturação e Dinâmica Interna da Vida Associativa (Minas Gerais, séculos XVIII e XIX). Revista de História Bilros. Fortaleza, v. 7, n. 14, p. 85-113, jan.-abr., 2019.

FERREIRA DE ASSUMPÇÃO ALVES, A. O Tombamento como Instrumento de Proteção ao Patrimônio Cultural. Revista Brasileira de Estudos Políticos. v. 98, p. 65-98, 1 jul. 2008.

ABREU, L.B. Ensaios Não Destrutivos Para a Avaliação da Integridade de Elementos Estruturais de Madeiras em Construções Históricas. 2010. 134 f. Tese (Doutorado em Ciências e Tecnologia da Madeiras) – Universidade Federal de Lavras, Lavras. 2010.

Igreja N. Sra. das Mercês de Mariana. Projeto de Restauração Igreja Nossa Senhora das Mercês. Mariana – MG. p. 1-65. 2014 – 2016.

Ofícios. Escola de Ofícios Tradicionais de Mariana, 2023. Disponível em: <<https://www.escoladeoficios.org.br/oficios/#oficio-1>>. Acesso em: 20 de junho de 2023.

GONÇALVES, S. N. C. Técnicas Construtivas Tradicionais à Base de Terra: subsídios didáticos. 2023. Ouro Preto. TCC (Pós Graduação Lato Sensu em Gestão e Conservação do Patrimônio Cultural). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais - Campus Ouro Preto. 2023.

CORRÊA, A. A. R. Avaliação das Propriedades Físicas e Mecânicas do Adobe (tijolo de terra crua). 2003. 62 p. Dissertação (Mestrado em Engenharia Agrícola) – Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2003.

Escola de Ofícios Tradicionais de Mariana. Instituto Pedra, 2022. Disponível em:< <https://institutopedra.org.br/projetos/escola-de-oficios-tradicionais-de-mariana/>>. Acesso em: 23 de junho de 2023.